

ELSINORE

ARIANA HARWICZ



PERDER O JUÍZO

A Sofia T.

Delphine Jubillar

Alexia Dava Fouillot

Vanina Fonseca

*A Lisa, por responder ao meu telefonema de urgência
em pleno campo de girassóis*

Perguntaram a assassinos em série o que tinham sentido da primeira vez, se fora arrepiante matar. Nem por isso, na verdade, responderam. Vê-se nas câmaras de vigilância dos restaurantes onde os assassinos e sequestradores de crianças vão almoçar instantes antes de se atirarem para as linhas de comboio, ou imediatamente depois de terem matado uma criança e de a terem escondido debaixo da cama de um hotel. Os empregados de mesa concordam que eles comem com apetite e parecem animados e cordiais. Em 99% das vezes somos normais, dizem os parricidas, só em 1% somos diferentes, é apenas isso que nos separa dos criminosos. Um pequeno antes e depois, o nada em si mesmo. Penso nessas deformidades que não levam a lado nenhum e só nos roubam tempo enquanto masco pastilhas de morango. Uma atrás da outra, mastigo, colo-as aos dentes, faço balõezitos, eles gostam deste tipo de coisas, continuo a comprar pacotes inteiros expostos junto às caixas dos supermercados. Sem açúcar, como o J gosta, com morango líquido encapsulado, como o E aprecia. Fico até o Auchan fechar, aos fins de semana tenho menos opções e rondo outros possíveis lugares onde os possa encontrar. Vi-os duas vezes no corredor das bebidas alcoólicas, licor

à base de vodca, aromáticos à base de rum, aperitivos, pastis, prosecco, vinhos maturados em caves, champagne meio-seco, ele ia enchendo o carrinho, vinhos efervescentes, sidras, cocktails, e os miúdos ajudavam-nos bem disciplinados, em fila, o pai passava a um e ao outro. Como nas fileiras da guerra, os voluntários passam os bens de primeira necessidade para os soldados, depois tudo acabará na piscina instalada debaixo da terra que não declararam ao fisco. Parece que haverá uma grande festa, certamente com casais e amigos da terra, com outros miúdos da idade deles, certamente todos ficarão a dormir nos beliches, nas águas-furtadas e nos sótãos, os adultos estendidos com os copos na mão nos dois andares amplos da casa. Depois, alguns convidados venderão as suas vinhas, entrarão no grandioso círculo descendente das dívidas às Finanças e atirar-se-ão, numa madrugada, do viaduto de Saint-Satur. Caminho pelos corredores, já sei onde estão as câmaras de vigilância, depois passo muito tempo escondida na casa de banho dos homens para o caso de algum ir a correr fazer chichi, a gotinha nas cuecas. É sempre igual, o chichi depois da dupla jornada da escola, embora em geral prefiram mijar nas motas de coleção estacionadas lá fora pelos fanáticos da região. Vou para a zona dos brinquedos, dantes conseguia roubar-lhes um robô a pilhas, pagava um deles e escondia o outro na t-shirt ou dentro dos calções, isso fazia-os rir muito, quando tirava o robô no carro, vibrávamos com a magia. A vossa mamã encontrou mais um, surpresa, sai dos calções, das cuecas, como o coelho da cartola. Cruzei-me

com eles duas vezes depois da sentença, não consigo garantir se me cumprimentaram, acho que sim, um com a mão, o outro com um sorriso, eu também com a mão e o sorriso. Avanço pelos corredores das tomadas, extensões e cabos elétricos, tudo me ia correr bem, já se sabe, o desejo total, a alegria histriônica, delirante, dão náuseas. Saio curvada para o parque de estacionamento, onde tenho uma série de vômitos, séries cada vez maiores, a boca de pelicano escancarada. Então vejo-os ao longe, aos três, a sair com o carrinho cheio e a abrir o automóvel novo, que marca é, nunca percebi nada de marcas de carros, um Audi, um Clio, um descapotável, um tanque de combate, não há dúvida de que é novinho em folha. Os dois ajudam o papá a pôr tudo na bagageira, garrafas e sobremesas de chantilly em pacote. Entro de novo, mas o supermercado fecha. Por favor, por favor, dou saltinhos infantis e faço danças latinas diante da grade e deixam-me entrar a correr, suada, ridícula. Compro salsichas de porco fumadas, pacotes de batatas fritas com sabor a mostarda, vinagre, bacon, congelados, sacos de arroz tailandês e carrego tudo na minha sweatshirt, obrigada, obrigada, são muito amáveis. Acho que me olham com nojo, não me tocariam nem que eu me oferecesse nos stands de carros usados. Não contem comigo, não me vou oferecer, nunca se pode saber de antemão aquilo em que alguém se pode tornar.

Na sentença, lê-se que o meu apartamento num bairro social é demasiado estreito, um corredor com poucas

aberturas para conservar o calor. Na sentença, diz-se que a minha casa está degradada, inabilitada para receber os irmãos, só posso vê-los uma vez por mês num lugar escolhido pelo intermediário, menos do que as famílias dos terroristas. Um lugar neutro de onde consigo ver o pai fumar um cigarro após outro durante o encontro. Às vezes perco-me na conversa e nos jogos que temos de fazer por culpa do fumo exalado pelo pai. Fff, fff, fff, faz nuvens e escreve mensagens no ar, alguma coisa me quer dizer com aquelas espirais, distrai-me, eu disse-o, mas acho que a assistente social presente na sala levou a mal, anotou qualquer coisa no relatório e não insistiu. Nos primeiros meses ia vestida com roupa de casa, como é meu hábito, quem é que tem vontade de se vestir com dourados, rendas ou uma camisola rosa com ornamentos. Desde que me levantava, esperava com um café em frente ao Loire pelas 15h30 e ia a pé até ao centro. Espiava casa após casa ao longo da deserta Saint-Satur, a maioria estava abandonada, conseguia ver o ambiente gótico daquelas salas fechadas, asfixiantes, as cúpulas enegrecidas pelos incêndios, as longas cadeiras de madeira espalhadas debaixo das árvores onde, noutros tempos, alguns terão bebido até desfalecer. Por vezes, quando me sobrava tempo, abria as correntes ou saltava um portão e esgueirava-me para aqueles tugúrios que foram luxuosos e senhoriais há dois séculos e que hoje servem bêbedos e toxicodependentes, gado noturno em busca de uma qualquer razão. Quando, por fim, o Estado me atribuiu uma advogada oficiosa, ela olhou-me

de alto a baixo e disse-me: madame, há códigos de vestuário que se devem respeitar se quer ter uma oportunidade de ganhar. Em casos como o seu, não se pode vestir com cabedal, com padrões de pele de animais, com decotes, com tamancos, isso não a beneficia, percebe? Não a posso representar se não colaborar. Nessa mesma noite enviou-me uma mensagem que li sentada na rotunda de Sancerre na qual, como se se tratasse da dieta de um diabético de tipo 2, me dava uma lista de roupa possível para os dias de encontro. A água da fonte corre por entre os canais sujos repletos de peixes sob os meus pés; anoiteceu depressa naquele dia enquanto pensava na roupa que tinha de comprar no supermercado Colruyt ou nas promoções da Gemo: calças pretas, não tenho; sapatos femininos ou sóbrios, não tenho; uma blusa de cor clara, sem padrões, nunca tive; ir ao cabeleireiro, não vou. A sua imagem poderá jogar a nosso favor quando apelarmos da decisão da Justiça, referiu a minha advogada. A imagem, o tom de voz, a postura corporal. Não se incline tanto para a frente, não levante tanto as mãos, não fale com voz rouca, etc. Mas o tempo é extremamente lento neste país, madame, o tempo anda de carroça. Entretanto, nada de usar botas de sola grossa, nada de calçar sapatos com tachas, tire as correntes, mesmo as mais finas, penteie o cabelo, trabalhe o olhar e os gestos. Número 1: não aparentar ser muito masculina porque seria vista como pouco mãe, pouco ou pouca?, seja o que for, não o faça. Número 2: não aparentar ser muito feminina para não dar a entender uma inclinação muito

pronunciada para o sexo ou para a obscenidade. Número 3: não se mostre como mulher solitária, seria vista como antissocial e, se fosse necessário, poderiam acusá-la de ser marginal. Mantenha-se entre uma coisa e outra, vista-se e comporte-se de modo temperado. Quando viu as fotografias da minha casa, a mesma coisa, é demasiado pobre, parece que vive no século XIII com paredes a apodrecer e bolor. Mandou-me passar outra impressão aos juízes. Pinte as paredes, altere a disposição dos móveis, procure o ângulo da luz. Foi o que fiz, decorar a casa com jarras, arrancar flores e pequenos quadros de paisagens campestres comprados nas feiras da ladra sobre o Loire. Preparar um quarto para os dois, ainda sem beliches mas com bons colchões, os miúdos gostam disso, de saltar de um colchão para o outro, os embrulhos dos presentes por abrir sobre a cama por usar.

Entre cada visita, que se pode fazer, madame advogada oficiosa, estamos à espera que passe o mês, que se pode fazer, perguntava como se fosse o canto de uma cena de luto que não acaba, como se fosse o uivo de um doente terminal, o quê o quê. Não me telefone tanto, por favor, e muito menos fora do horário laboral. Que posso fazer? Faça como achar melhor, mas não se aproxime do domicílio dele. Não me posso aproximar a que distância, madame? Não posso responder a cada inquietação sua, passo o dia em tribunais, em audiências, tenho outros clientes, mas sejamos razoáveis, sim? Basicamente não

pode aproximar-se do village dele, mantenha-se durante estes meses a uns dez quilómetros, assim sabe que não se engana no cálculo. Crie mentalmente uma linha inultrapassável, uma longa linha mental de dez quilómetros. Se infringir a restrição, isso dificultará a revogação da sentença, e se o seu caso transitar em julgado, madame, bom, o supremo tribunal não será uma saída. Que caso? Não me obrigue a explicar-lhe toda a dificuldade do seu caso, não me faça gastar o dobro da energia consigo. Pela última vez, não é a minha única cliente e não a posso representar se não estivermos alinhadas num mesmo combate que será longo e dispendioso, mas que podemos ganhar, um dia. Sejam os razoáveis e tenhamos paciência, de acordo? *Au revoir*. Sejam os razoáveis, disse a mim mesma atravessando a velha ponte suspensa do Loire, tão bela com os seus cadáveres lá dentro que até chorei um pouco. Se alguém me visse neste instante de certeza pensaria que choro pela minha figura desgraçada. Ter tudo e ser desgraçada, não ter nada e estar exultante, todas as combinações maliciosas possíveis e mais alguma. Certa ocasião consegui encontrar o telefone de casa dela e telefonei-lhe de madrugada e desliguei algumas vezes. Nesses dias à espera da visita de cada mês, o que fazer, trabalhar no que fosse com contrato para compor um dossiê mais sólido, urgente. Ter casa, carro, trabalho estável, recibo de vencimento, vida social, ambiente favorável e recursos. E depois a casinha decorada, as fotografias no quarto dos miúdos, a roupa nova já comprada e o contrato legal para trabalhar nas vinhas. O ano todo, sementeira e colheita.

Tudo enviado à advogada oficiosa, anexo ao e-mail, assinado e digitalizado na loja de informática com impressoras do centro. Mas e que mais? Mais nada, senhora, disse a secretária do escritório do tribunal de família, digo-lhe pela última vez, já não temos paciência, tem de esperar, tudo o que fizer daqui para a frente só vai prejudicá-la. Perguntei no Centro de Ajuda Psicológica e Social de Cosne. Não há nada mais a fazer, está em lista de espera, será informada da data para a audiência. Será que a senhora poderia telefonar para o tribunal de justiça ou para o tribunal local e perguntar quanto tempo falta para a convocatória? Não posso, e sobretudo tenha cuidado para que não haja novas denúncias ou provas contra si. No resto do tempo pode fazer exercício físico, gosta de desportos de combate? Suam-me as mãos, não consigo dormir, só consigo comer até ficar indisposta e incapaz de engolir. Vá ver uma profissional, um grupo de apoio, faça algum trabalho manual em grupo, já fui a esses sítios, no meio do colapso alheio levanto-me sempre, peço desculpa e saio.

Não se decide nada ao longo de uma vida, vamos seguindo com debilidade a nossa vida pelos caminhos que nos vão indicando, tentamos levá-la a bom porto sem firmeza sempre a poucos passos de cairmos numa ribanceira, pedindo ajuda à pessoa errada, parando o carro numa autoestrada perigosa, fugindo de onde devíamos ter ficado, ficando erradamente. Em suma, triunfa-se na vida após

Lisa, uma emigrante argentina que vive no interior de França, é acusada de violência doméstica agravada e perde a custódia dos seus dois filhos gêmeos, fruto de um amor louco e violento. Incapaz de acatar as decisões do tribunal e de representar o papel de mãe que lhe é exigido, ela espia os filhos à distância e, nessa condição de marginalidade e desequilíbrio, faz o impensável: incendeia a casa onde eles vivem com o pai e os avós, rapta-os e foge numa viagem de carro sem regresso.

Em *Perder o Juízo*, a celebrada autora Ariana Harwicz regressa aos temas da teatralidade da maternidade, do amor destrutivo e das profundezas do inferno doméstico, pondo no centro, numa linguagem que questiona o dicionário da nossa época, uma mulher incómoda à beira do abismo.

«Os romances de Harwicz são puro desejo e destruição.»

Babelia

«Tem um toque de David Lynch... Perigosamente viciante.»

The Guardian



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[elsinore.pt](https://www.facebook.com/elsinore.pt)

[penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-589-561-8



9

789895 895618